



## DESENVOLVIMENTO AFETIVO E A APRENDIZAGEM

Angela Regina Doimo<sup>1</sup>, Maria Helena dos Passos Mantovani<sup>2</sup>,  
Patrícia Marini Pereira de Medeiros<sup>3</sup>, Regiane Cristina Neres Bispo<sup>4</sup>  
Rosely Gomes Ferreira<sup>5</sup>

**Resumo:** Este trabalho procurou investigar e fazer uma reflexão sobre como a afetividade é capaz de influenciar na questão da aprendizagem. Portanto, o objetivo desta é colaborar com os profissionais que atuam junto às escolas, oferecendo-lhes informações que possam auxiliar na compreensão das dificuldades de aprendizagem relacionadas às manifestações da afetividade da criança. Trata também da observação do ser humano e suas diversas fases de desenvolvimento, ocupando-se também de todas as particularidades ou singularidades e da participação de todos, pais, responsáveis ou educadores. E, ainda, volta-se para a afetividade latente em todo ser humano.

**Palavras-chave:** criança; afetividade; aprendizagem; educador.

**Abstract:** This study sought to investigate and reflect on how emotion can influence the issue of learning. Therefore, the purpose of this is to collaborate with professionals who work with schools, offering them information that can assist in the understanding of learning difficulties related to the demonstrations of affection of the child. This is also about observing human beings and their various stages of development also addressing all particularities or singularities, and participation by all parents, guardians or teachers. And yet, turn to the affectivity latent in every human being.

**Key-Words:** child; affectivity; learning; educator.

---

<sup>1</sup> Pedagoga – FAR – Ilha Solteira – SP. Especialista em Psicopedagogia – FIU – Pereira Barreto – SP. Estudante do curso de Neuropedagogia da UNIJALES – Jales - SP;

<sup>2</sup> Pedagoga – UFMS – Três Lagoas – MS. Estudante do curso de Neuropedagogia da UNIJALES – Jales – SP;

<sup>3</sup> Pedagoga – FIU – Pereira Barreto – SP. Especialista em Psicopedagogia. Estudante do curso de Neuropedagogia da UNIJALES – Jales – SP

<sup>4</sup> Pedagoga – FIU – Pereira Barreto – SP. Especialista em Gestão Escolar – FAR – Ilha Solteira - SP. Estudante do curso de Neuropedagogia da UNIJALES – Jales – SP;

<sup>5</sup> Pedagoga – FFCL – Dracena – SP . Especialista em Psicopedagogia Institucional – FAFIPREVE – Presidente Venceslau - SP. Estudante do curso de Neuropedagogia da UNIJALES – Jales – SP.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da necessidade de analisar e repensar nas possíveis causas de dificuldades de alunos da rede pública de ensino, haja vista tratar-se de um assunto que se impõe de maneira crescente e persistente, caracterizando-se por repetências sucessivas, evasão escolar e dificuldade de aprendizagem de diferentes ordens.

Vivenciando como profissional da educação esta situação real e crítica despertou-me o desejo de conhecer as diferentes razões que impõem limitações extremas a crianças aparentemente saudáveis e normais.

Neste trabalho, analisaremos as condições ambientais e emocionais do aluno, colocando a afetividade como elemento valioso no processo, o comprometimento da sociedade e da família, com relação ao seu aproveitamento nas atividades escolares, bem como o envolvimento do corpo docente, no sentido de amenizar as possíveis causas.

Para melhor entendimento do valor afetivo na contemporaneidade, fez-se necessário buscar junto a estudiosos da Educação pressupostos teóricos, que servissem de base para fundamentar efetivamente a realização desta pesquisa, a fim de compreender a dificuldade de aprendizagem como um fator relacionado à ausência de uma sustentação afetiva, neste contexto histórico-pedagógico e tentar buscar possíveis soluções que visem amenizar o problema, com o intuito de torná-lo menos catastrófico no processo ensino aprendizagem.

Portanto para discutir sobre o afeto como sintoma facilitador no processo de ensino/ aprendizagem, procuramos particularizar o mesmo e buscar na bibliografia pesquisada elementos que possibilitem uma leitura diferenciada e reflexiva é o trajeto deste trabalho.

### **A COMPREENSÃO DO INDIVÍDUO COMO UM SER EMOCIONAL**

Acreditamos que todo ser humano, independente de possíveis imperfeições físicas, emocionais e mentais, possui dentro de si uma energia capaz de mobilizar forças



inimagináveis que o auxiliam a superar os obstáculos na vida. Descobrir e desenvolver esta força não são tarefas fáceis ao adulto.

Para Dantas (1992), a criança, na fase dos três a seis anos, quando está iniciando a formação do caráter, fica muito mais fácil mostrar a relação com o adulto e que ela pode fazer uso dele sempre que for necessário. A facilidade de acesso a este poder que determinados seres humanos têm e que outros não tiveram a chance de desenvolver que nos faz diferentes. Estamos acostumados a receber saberes dependentes, pois nossos pais e professores nos ensinaram as leis que regem o mundo segundo sua ótica, esquecendo-se de que cada ser humano pode ter uma visão diferente sobre os mesmos assuntos. Todos os sistemas sociais, políticos e econômicos estão fundamentados em experiências de alguém, portanto, revelam a visão de mundo individual.

A partir desta concepção, podemos afirmar que ter a capacidade de observar, saber ouvir, analisar cada acontecimento sob sua própria ótica e chegar a conclusões que outros ainda não tiveram são poucos os que estão preparados. Ainda que assim estejam preparados, precisa saber falar, diversificar as formas de expressão, argumentar sem competir e desafiar a si mesmos, buscando fazer cada vez melhor, ao invés de competir com os outros.

Muitos autores, entre outros, vêm defendendo que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

Algumas entre outras também vêm contribuindo para a discussão da relevância da dimensão afetiva na constituição do sujeito e na construção do conhecimento.

Tendo como pressupostos básicos as teorias de Wallon e Vygotsky (OLIVEIRA, 1992), tais pesquisas, em linhas gerais, buscam identificar a presença de aspectos afetivos na relação professor-aluno e as possíveis influências destes no processo de aprendizagem.

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Conforme Wallon, (WALLON, 1968 apud Oliveira, 1992) é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação, que, conseqüentemente



implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação.

Conforme Dantas (1992), pode-se observar que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo.

Segue-se a autora que, através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, em que a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos.

Portanto, o conhecimento do mundo objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar. Uma das maiores modificações no desenvolvimento biopsicossocial do homem é o nascimento. Começamos a nos dar valor a partir do nascimento, geralmente por meio do que as pessoas nos dizem a respeito de nós mesmos. As crianças traduzem o que ouvem para si e escolhem do ambiente qualquer coisa que reforce o que ouviram.

Segundo Oaklander (1980, p. 310), “[...] a forma como percebemos e valorizamos a nós mesmos determina em grande medida a forma como nos comportamos, como lidamos com nossa vida, como nos conduzimos”. Assim, uma criança que cresce ouvindo mensagens negativas a seu respeito terá uma baixa auto-estima, ao passo que uma outra que cresce ouvindo mensagens positivas a seu respeito terá outras reações, que permitirão que tenha contato com seu próprio potencial e se lance no processo de explorar e descobrir as coisas do mundo. Deste modo, a família exerce muita influência sobre o comportamento infantil, expresso nos valores pessoais, nas atitudes sociais e na conduta da criança. Uma família pode despertar para o desejo de aprender ou para o desinteresse, a apatia.

De acordo com Maldonado (1981, p. 9):

[...] Educar filhos é tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que eles exigem em termos de mudança de padrões de conduta e de atendimento às necessidades e



solicitações dos filhos. A arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de os pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho quase adulto. O local onde vive a criança é importante para o desenvolvimento intelectual e emocional, sendo tarefa das famílias propiciarem um ambiente estimulador para o pleno desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança.

O ambiente familiar deve possibilitar elementos estimuladores a ela para que desenvolva todo o seu potencial. Segundo Maldonado (1981, p.114), “[...] modificar o ambiente atua também no sentido de favorecer o desenvolvimento da autonomia”. Sendo assim, criaremos uma criança capaz de assumir e decidir por si só o que deseja alcançar em determinados momentos.

Segue o autor que, em locais com estimulação restrita, a criança pode não atingir um desenvolvimento adequado. Ela poderá apresentar defasagens em relação às crianças de sua idade. Assim, crianças criadas em ambientes monótonos e sempre sozinhas em seu berço, na penumbra, com pouca oportunidade de verem e ouvirem pessoas falando com elas, terão seu desenvolvimento prejudicado. Afetividade, apoio e cuidados dos pais são comportamentos decisivos para o desenvolvimento da maturidade, da independência, da competência, da autoconfiança, da autonomia nas futuras decisões e das responsabilidades. O amor é fator essencial para assumir a missão de decidir por eles. A criança, quando sente que é aceita, compreendida, valorizada e respeitada, tem grandes possibilidades de se desenvolver bem em seus estudos. Sabemos que a aprendizagem não se dá apenas no plano cognitivo. Além da inteligência, ela envolve aspectos orgânicos, corporais, afetivos e emocionais.

Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, é necessário que todas essas funções estejam em perfeita harmonia e equilíbrio. Na sua psicogenética, Wallon defende os aspectos afetivos, pois é de fundamental importância para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento pleno do ser humano. (WALLON, 1968 apud DANTAS, 1992).

Segundo Alencar (1993), a família é a primeira, a mais importante instituição educadora na vida da criança. É fundamental que os pais assumam sua responsabilidade, enquanto orientadores que são dentro do lar, conversem, orientem e ouçam seus filhos, para que eles aprendam com seus familiares de forma descontraída. A escrita não é um produto escolar, mas um produto do esforço coletivo da humanidade para representar a linguagem. A postura da família pode facilitar a aquisição da leitura e da escrita, mas é



importante lembrar que todos os alunos, mesmo os provenientes de lares cultural e economicamente marginalizados, aprendem a ler e a escrever se lhes forem dados o tempo e as condições.

Wallon (1968, apud ALMEIDA 1997, p. 51) destaca que:

[...] a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Vygotsky (1988, apud OLIVEIRA 1992, p. 76) defende que o pensamento:

[...] tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria à razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva.

Oliveira (1992) afirma, ainda, que o conhecimento do mundo ocorre quando desejos, interesses e motivações aliam-se à percepção, à memória, ao pensamento, à imaginação e à vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros.

Estas reflexões feitas por Vygotsky possibilitaram destacar a imensa complexidade que envolve o desenvolvimento das emoções humanas e afirmar que tal desenvolvimento está em harmonia com a própria distinção que faz entre processos psicológicos superiores e inferiores e sua concepção de desenvolvimento cognitivo. Defende que as emoções não deixam de existir, mas evoluem para o universo do simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos.

O desenvolvimento da autoestima infantil é auxiliado por pais cuja própria autoestima é elevada, que são calorosos e receptivos, interessados nas atividades das crianças, que encorajam a autonomia sem serem excessivamente exigentes.

Na desestruturação dos laços familiares, a criança pode ser levada a desenvolver sintomas. Piaget considera que a criança está tentando compreender o seu mundo através de um relacionamento ativo com pessoas e objetos. A partir dos encontros com acontecimentos, a criança vai se aproximando, num ritmo consistente do objetivo ideal que é o raciocínio abstrato, no campo das ideias.

Conforme Alencar (1993), ainda que pense os problemas familiares enfrentados pela criança, como o resultado de um conflito interno entre a vida instintiva, o superego se torna mais exigente, realizando esse amadurecimento mais preocupante porque a



criança esta muito longe de desprender-se dos primeiros objetos amados. A intensidade dos conflitos se dará, além da gravidade da situação através dos traços da personalidade.

Segundo Mahoney (1993, p. 68)

[...] a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser.

Portanto, a qualidade das interações que ocorrem em sala de aula, incluindo todas as decisões de ensino assumidas, refere-se a relações intensas entre professores e alunos, proporcionando diversificadas experiências de aprendizagem, a fim de promover o desenvolvimento dos mesmos. Como destaca Oliveira (1992, p. 80), o processo pelo qual as crianças vão se apropriando dos objetos culturais ocorre a partir das experiências vividas entre as pessoas à sua volta. Essa "[...] passagem do nível inter- psicológico (entre as pessoas) para o nível intrapsicológico (no interior do próprio sujeito) envolve, assim, relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente, e não trocas mecânicas limitadas a um patamar meramente intelectual".

Ausubel (1968 apud ALMEIDA, 1997) apresenta a questão da decisão sobre o ponto de partida do ensino de forma muito clara. Primeiramente, que a Psicologia da Educação se reduz a um único princípio, estaria ligada a aspectos que influenciam a aprendizagem e o mais importante consiste na bagagem do aluno. Juntamente com esse princípio, o autor propôs o conceito de aprendizagem significativa, que implica o relacionamento entre o conteúdo a ser aprendido e aquilo que o aluno já sabe. Isso significa que planejar o ensino a partir do que o aluno já sabe sobre o objeto em questão, aumenta as possibilidades de se desenvolver uma aprendizagem significativa, marcada pelo sucesso do aluno em apropriar-se daquele conhecimento.

O sucesso tem inegáveis implicações afetivas, porém, os casos de fracasso são mais conhecidos na realidade escolar: iniciar o ensino desvinculado de qualquer aspecto de conhecimento do aluno aumenta as chances do insucesso no início do processo, deteriorando prematuramente as possibilidades de se estabelecer uma relação saudável entre o sujeito e o objeto do conhecimento, conforme trata Alencar (1993).

As implicações pedagógicas deste princípio parecem claras: a decisão sobre o ensino só deve ser assumida após o professor realizar uma avaliação diagnóstica do que



os alunos já sabem sobre o tema, e não a partir de decisões burocráticas ou de pressupostos irrealistas.

Para reverter esse quadro, a proposta seria de uma participação efetiva do professor em temas pedagógicos e humanos em acompanhamento diário e constante, permeado por fortes e sinceras relações afetivas.

A partir de todas essas observações concluímos que:

a) Analisar a questão da afetividade em sala de aula, seja através da interação professor-aluno e/ou das dimensões de ensino, significa analisar as condições oferecidas para que se estabeleçam os vínculos entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares); ou seja, quando se discute este tema, discute-se, efetivamente, a própria relação sujeito-objeto em um dos seus aspectos essenciais: o efeito afetivo das experiências vivenciadas pelo aluno, em sala de aula, na relação com os diversos objetos do conhecimento.

b) Neste sentido, assume-se que a natureza da experiência afetiva (prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito na relação com o objeto. Na situação de sala de aula, tal relação refere-se às condições concretas de mediação, planejadas e desenvolvidas, principalmente, pelo professor. Obviamente, reconhece-se a existência de outros mediadores culturais ali presentes, como os livros, os textos, o material didático e os próprios colegas. No entanto, neste trabalho, enfatizam-se as atividades de mediação desenvolvidas pelo professor.

c) Entende-se que a Aprendizagem é um processo dinâmico, que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares, ou seja, a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno. Reafirma-se, no entanto, que a qualidade da mediação determina em grande parte, a qualidade da relação sujeito-objeto.

d) Simultaneamente, assume-se que as condições de mediação também são da natureza essencialmente afetiva. Entende-se o Homem como um ser único, numa concepção monista, em que cognição e afetividade entrelaçam-se e fundem-se em uma unidade, como os dois lados de um mesmo objeto. Em síntese, entende-se que o ser humano pensa e sente simultaneamente e isto tem inúmeras implicações nas práticas educacionais.





e) Uma das principais implicações desses pressupostos relacionam-se com o planejamento educacional: as condições de ensino, incluindo a relação professor/aluno, devem ser pensadas e desenvolvidas levando-se em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não se pode mais restringir a questão do processo ensino/aprendizagem apenas à dimensão cognitiva, dado que a afetividade também é parte integrante do processo.

Desde a infância, é possível plantar suas sementes e colher seus frutos, estabelecendo vínculos perenes que, mesmo esmaecidos em nossa consciência, permanecem eternos em nossa memória emotiva. É nessa fase que compartilhamos a pureza infantil e descobertas significativas que fazem dessa época um advento único em nossa história pessoal.

Da infância em diante, é dedicado um aprendizado que inclui o entendimento dos olhares cúmplices, a linguagem afetuosa, o desejo constante do bem estar físico e emocional, enfim, adquire os elementos que favorecem uma vida plena e feliz.

Um dos aspectos a abordar é a percepção da ausência desse vínculo afetivo entre educador e educando, causador, muitas vezes, de fracasso escolar. Outro fator importante e primordial é a influência da família na aprendizagem e na formação do indivíduo como ser social. Neste contexto, não podemos esquecer da escola que, além de exercer sua função essencial que é a de mediar o conhecimento para novas gerações e apropriação da cultura acumulada pela humanidade, deve ser, acima de tudo, um lugar prazeroso e de alegria, onde o educando possa vivenciar relações que o ajudem a desenvolver-se como pessoa, cidadão constituído sócio-histórico culturalmente como um ser pleno a ser respeitado e que deseja profundamente ser feliz.

Na relação entre educador e educando, deve-se buscar a compreensão e a aceitação mútua, no respeito, na amizade, no amor, na troca de informações e no diálogo, base de um bom aprendizado. Os educadores são como as velhas árvores, possuem uma face, um nome, uma história a ser contada. Habitam um mundo em que o valor é a relação que os liga aos alunos. “E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso que se estabelece a dois. Espaço artesanal” (ALVES, 1985, p. 62).

Segundo Gatti (1991), o trabalho com crianças requer sensibilidade do educador e uma investigação de como cada criança aprende, estendendo essa visão para as habilidades e dificuldades de cada uma delas. Assim, é importante que o educador construa um perfil de turma, para conhecer os alunos e saber por onde começar o seu



trabalho, partindo da realidade de cada um. Motivar com uma palavra amiga, um olhar, um sorriso, um toque, muitas vezes traz de volta as crianças que, devido a sua origem cultural, estão desgastadas pelo sofrimento e descaso. Muitas necessidades emocionais das crianças deveriam receber prioridade para facilitar a situação de aprendizagem.

Freire (1983 apud RIBEIRO 1992) coloca-nos a ideia de que o professor não precisa gostar de todos os alunos da mesma maneira só porque é professor. Mas tem que ser autêntico, selar seu compromisso com os educandos, respeitando o ser humano que há em cada um. Por isso, o educador, ao manifestar interesse pelos sentimentos e pela vida da criança, bem como oferecer possibilidades para a própria criança se expressar, pode auxiliar na construção de um ser mais seguro e autônomo. Ela necessita aprender a valorizar suas ideias e percepções e saber confiar nelas.

Continua Gatti (1981) que, a criança que tiver como professor alguém sensível aos seus questionamentos e anseios e que lhe proporcione experiências escolares gratificantes, certamente terá maiores chances de enfrentar o amanhã como um verdadeiro desafio à sua inteligência, criatividade e emoção. Ao educador que trabalha com criatividade, caberá o prazer de ter crescido junto com o aluno, de forma quase despercebida, por meio de uma intensa e feliz relação interpessoal. Para que tudo isso ocorra, o educador precisa estruturar sua prática em conhecimento por meio de como a aprendizagem se processa, considerando a individualidade de cada um.

Portanto, a aprendizagem ocorre pela atividade individual, pela experiência do indivíduo no mundo em que está inserido. A educação, entretanto, ultrapassa a simples aprendizagem e, para acontecer, requer a vida social, o trabalho coletivo. Na sala de aula, a educação resulta da convivência social dos alunos entre si e com o professor.

Somente o diálogo possibilita a educação para a liberdade e a formação de pessoas capazes de participarem criticamente na construção de um mundo mais justo, como sujeitos de sua história.

Da mesma forma que o ser humano nasce, passa pela infância e adolescência até atingir a idade adulta, a criança apresenta fases ou níveis de desenvolvimento na construção do pensamento em relação à língua escrita. Desse modo, o educador que trabalha com essa fase precisa conhecer como ocorrem esses níveis e como pode fazer a mediação para que a criança avance cada vez mais, além de perceber a importância da afetividade no processo de construção desse saber.

Segundo Wallon (1971, p. 255), “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos”. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão



facial, pois são constitutivos da atividade emocional. Wallon dedicou grande parte de seu trabalho ao estudo da afetividade, adotando, além disso, uma abordagem fundamentalmente social do desenvolvimento humano. Busca, em sua psicogênese, articular o biológico e o social. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma desordem entre o social e o orgânico.

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que ao nascer não as tem. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e seu entourage (WALLON, 1971, p. 262).

Wallon estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. Segundo o autor, as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com os componentes orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas por meio de choro, significando fome ou algum desconforto na posição em que se encontra o bebê. Quando falamos de afeto, de carinho, nos estendemos a uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de Vygotsky (1988 apud DANTAS,1992, p. 76) defende que o pensamento:

[...] tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto emoção. Nesta esfera, estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva.

Ainda afirma Vygotsky (1988 apud DANTAS,1992), que o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações aliam-se à percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros. Observa-se que, em se tratando da afetividade, Wallon e Vygotsky têm muitos pontos em comum. Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para a mesma, demonstrando, cada um a sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto, de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos se inter-relacionam e se influenciam



mutuamente. No decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental para que a criança acesse o mundo simbólico também da alfabetização, como veremos a seguir.

Segundo Ferreiro (1992, p. 35), “[...] entre o olho que vê e a mão que escreve, existe uma cabeça que pensa”. Nas sociedades modernas, ensinar a ler e a escrever é, em princípio, uma tarefa da escola. Todavia, na tentativa de buscar explicações para o sucesso ou fracasso escolar, estudos recentes têm destacado que a escola não é o único lugar onde se processa o ensino e a aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1988, p.122 ), “[...] quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em tempo relativamente curto.”

É fundamental, também, que os educadores conheçam um pouco do histórico da criança e, além disso, tenham conhecimento de como essa aprendizagem pode ser construída pelo educando para, a partir desses dados, trabalharem seus diferentes contextos. Emília Ferreiro trouxe uma grande contribuição para a educação, quando teorizou sobre a aquisição da leitura e da escrita, dando continuidade aos estudos de Piaget sobre o sujeito epistêmico.

Para Ferreiro (1992), as crianças são facilmente alfabetizáveis. A construção desse conhecimento não é um processo linear, mas um processo com períodos preciosos de organização e reorganização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem-se antecipar. O maior desafio que precisa ser enfrentado pelas crianças como um conhecimento a ser descoberto é perceber que este recurso é fundamental em sua vida diária. É de suma importância o papel dos profissionais da educação. Porém, é a família que pode, em primeiro lugar, proporcionar experiências educacionais e afetivas à criança, no sentido de orientá-la e dirigi-la.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro. Tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.



A aprendizagem depende da familiarização da afetividade. Por isso, não é só na escola que acontece. A criança passa por todo um processo evolutivo que vai desde o nascimento até o momento em que ela descobre a aprendizagem. Por essa razão, a família desempenha um papel decisivo no desenvolvimento emocional e social da criança, na sua capacidade de ter ou não autoestima. Sabemos que o ambiente deve ser estimulador, para que a criança se desenvolva plenamente, pois os pais e as condições do local onde vivem formam as crianças nos seus primeiros anos de vida. É fundamental que o educador auxilie o educando para que ele vá além do que sempre vê e ouve, podendo estabelecer novas relações e associações e expressar-se de maneira diferente, tornando-se mais criativo.

Cada um deve conscientizar-se de que seu papel na educação é fundamental para que ocorra um processo ensino aprendizagem mais eficiente. No que se refere à aprendizagem, se a criança sentir prazer e desejo de aprender já no início da sua caminhada, gradativamente generalizará esses sentimentos para as outras fases do trabalho escolar, tornando a escola sempre um lugar de conflito e aprendizagem, mas com alegria e prazer.

Este trabalho é apenas o início de uma longa busca de aperfeiçoamento e conhecimento à qual nós, educadores, nos submetemos. Não podemos mais pensar em sermos educadores que nada acrescentam na transformação social e efetiva dos educando, pois, assim, só seremos lembrados simplesmente, como mais uma pessoa que passou pela vida sem ser percebido. Sabemos das dificuldades do caminho, mas elas não devem ser empecilho, para que prossigamos dando nossa contribuição para superar esse desafio. Temos esperança de que, a cada dia, centenas de brasileiros passem a ver o mundo de uma maneira mais crítica e consciente. Uma consciência que advém da leitura e da escrita - instrumentos que nos levam a pensar, a refletir, a encontrar caminhos para nossa evolução pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. S. *Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino-aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 1993.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1985.



CARVALHO, M. F. *Da marginalização ao fracasso escolar: estudo de uma classe de 1ª série do 1º grau.* Psicologia, São Paulo, 1984.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *A era da consciência.* 2. ed. São Paulo: Fundação Petrópolis, 1997.

DANTAS, Heloysa. *A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.* In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRO, Emília. *Com todas as letras.* São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 31. ed, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B, PATTO, MH. A reprovação na 1ª série do 1º grau. São Paulo: *Caderno de Pesquisas*, 1981.

LEITE, S.A.S O fracasso escolar no ensino do primeiro grau. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.* 1988.

MOYSÉS, M.A.A. Desnutrição e fracasso escolar, uma relação tão simples? São Paulo: *Revista da ANDE*, volume 5. 1992.

OLIVEIRA, M. K. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.* São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, Jean. *A Formação do símbolo na Criança: Imitação, Jogo, Sonho, Imagem e Representação,* Rio de Janeiro: Zahar, 1971

RIBEIRO, Vera M. Masagão. *Metodologia da Alfabetização,* São Paulo: Papyrus, 1992